



CRIAÇÕES

— Projetos

ENTREVISTA DE DOUGLAS SANTOS DA
SILVA (CRIA-ISCTE) A EMILIANO
DANTAS (CRIA-ISCTE)

ABRIL DE 2022

Cartas do mau encontro

A cartografia colonial foi traçada por preconceitos e exotização, conectada por linhas invisíveis, e indivisíveis, das dores das sociedades que tiveram como marcas os pregos em seus corpos, o que deixou muitas chagas da invasão. A entrada do colonizador nestes espaços não foi consentida por cartas convites, ao contrário, subscreveram imagens com as visões dos “penetras” que, com toda a sua ideia de poder, apoderaram-se das vozes, dos corpos e das vidas.

O antropólogo
e artista
tenta pôr em
imagens todas
as pessoas que
não puderam ter
protagonismo
nas suas próprias
histórias.

A exposição *Cartas do mau encontro* tem a assinatura de Emiliano Dantas, antropólogo e investigador do CRIA, e está em exibição desde o dia 8 de fevereiro até o dia 12 de junho de 2022 no Museu do Aljube - Resistência e Liberdade. A instalação artística complementa-se com a exposição *Ato (Des)colonial*, o que nos fornece um ambiente de imersão nos assuntos sobre a decolonialidade.

Ao passar pelo portal que antecede a sala de exposição, somos encaminhados para uma escada em sentido de descida, tal como uma analogia da vida, e leva-nos ao fundo de algumas histórias que não foram contadas em Portugal. As paredes cruas da antiga prisão do Aljube, apenas em tijolo e concreto, parecem nos libertar ao invés de encarcerar. Libertam da dor do passado colonial, das narrativas criadas e das ideias concebidas. Ao adentrar neste ambiente a pessoa deve estar aberta e liberta em sentimentos e sensibilidade, para que possa compreender tudo aquilo que nos conecta e nos transporta.

A disposição das gravuras nas paredes, ou expostas de maneira livre em todo interior

da sala, constrói narrativas que se conectam com as histórias apagadas e sublimadas das sociedades invadidas, colonizadas. Não existem pregos nas imagens que as prendam, evocando o sentimento de liberdade desejada pelos corpos colonizados. A liberdade aqui inicia-se quando a prisão e a vigilância não estão sob o jugo do panóptico do poder, segundo Foucault. A ambientação e a curadoria das imagens/gravuras não estão apenas nas diretrizes do mapa do colonizador, mas sim nas conexões que narram a história.

E esta conexão é feita por linhas nas cores verde e vermelha, que se cruzam na parte superior da sala e só podem ser percebidas com um pleno olhar em 360° graus da pessoa espectadora. As mesmas linhas que conectam também descrevem sentimentos e dão sentido e sensibilidade às gravuras. É nos detalhes que não foram contados na história que Emiliano Dantas busca retratar a sua narrativa. O antropólogo e artista tenta pôr em imagens todas as pessoas que não puderam ter protagonismo nas suas próprias histórias.

Nesta conversa com Emiliano

Dantas pretende-se conhecer um pouco mais sobre o processo de construção da instalação artística *Cartas do mau encontro*. A importância das imagens na construção da visualidade do poder será o tema central desta entrevista, na qual se busca a crítica e o reforço da conscientização através da arte e da antropologia.

Douglas Santos (DS): Quando surgiu a ideia de inverter a cartografia traçada pelo poder colonial numa cartografia de sentimentos e reivindicações?

Emiliano Dantas (ED): O meu processo de trabalhar com as cartas, no caso, os mapas, surgiu durante a investigação do doutoramento, porque eu já trabalhava com fotografia de uma forma mais sistemática. Neste período, introduzi o desenho como forma de investigação, funcionando como uma imagem analítica de uma situação, de momentos e dos acontecimentos.

Quando eu estava trabalhando e pensando sobre a história de São Tomé, eu comecei a querer inserir a ideia do mapa no sentido de pensar uma cartografia pelo movimento. Investi em cri-

ar um mapa em que o desenho não demarcava para dividir, não classificava, ou definia territórios geopolíticos. Eu queria que o mapa tivesse linhas e desenhos, e que nessas fronteiras eles se borrassem. E ao pensar nessas fronteiras que se borram, decidi adicionar a aquarela na cartografia.

Ao desenhar as linhas atribuí o vermelho ao colonizador, que no seu movimento provocou a ferida colonial. As linhas verdes foram associadas ao mato, à floresta tropical a ser invadida. Então, a ferida colonial constituiu o movimento dos colonizadores, os que se diziam civilizados, e o mato, o movimento da floresta e dos “selvagens”. Portanto, nas imagens que fui criando, as linhas uniam natureza e cultura. Logo, o desenho na minha tese procurou analisar a história de São Tomé pelo

“Ao desenhar as linhas atribuí o vermelho ao colonizador, que no seu movimento provocou a ferida colonial”

movimento do encontro do invasor com o mato, o que provocou a ferida colonial.

Do desenho à costura foi rápido, pois percebi que ambos me permitiam fazer linhas que envolviam, juntavam e induziam à ideia de movimento nas imagens. Como a imagem pode ser um conceito amplo, resolvi juntar, no meu trabalho, o mapa, a fotografia e o desenho como linguagens integradas – como algo que serve para que eu entenda esse mundo. Essa compreensão passa pelas linhas que nos induzem a pensar pelo movimento, pelo encontro. A minha linha na costura do mapa com a fotografia não é necessariamente uma costura na definição. Ela é um desenho também. Assim sendo, quando eu costuro, eu penso que ao mesmo tempo estou desenhando.

DS: Há uma parte da exposição que aborda os impactos da colonização nas vidas humanas e não-humanas. Poderia explicar sobre essas visualidades do poder colonial?

ED: Na minha opinião, a colonização não é uma descoberta. É uma invasão. E quando você traz a questão entre humano e

não humano, eu penso que esse processo de colonização afetou a vida orgânica, invadindo e destruindo a floresta e os povos originários, como também as terras, os lugares. Na minha visão, a invasão não se refere só a um território geográfico, mas também a corpos e terras. Para que essa colonização pudesse existir da forma como ela foi planejada no processo imperialista, ela precisava invadir os corpos.

A colonização é sempre invasora, assassina e devastadora. As fotografias que mostram os homens brancos caçadores que exterminavam os “animais selvagens”, exibindo-se, para reforçar a visualidade moderna do poder, do seu lugar como aquele que mata e domina o selvagem, são apenas um exemplo da brutalidade do processo colonial. Optei por trazer essas imagens para reforçar o sentimento desse mau encontro, reforçar que a caminhada imperialista está assentada em jogos hierárquicos bastante injustos. A intenção de explorar, comumente chamada de conquistar, veio junto com a promoção da morte, da destruição e de roubos, subtrações. Não tinha como esse encontro ser positivo. Não



tem como não pensar o colonialismo sem esse processo de invasão. Invasão em todas as dimensões. Me assombra a manutenção do discurso de Descobrimentos.

“A colonização é sempre invasora, assassina e devastadora”

DS: A escolha do Museu do Aljube foi propositada? Afinal, não há lugar melhor para expor do que no Museu da Resistência.

ED: Tudo começou depois de uma exposição que eu fiz no Museu do Neo-Realismo, em 2018, o que fez com que eu me aproximasse um pouco mais das pessoas que trabalham com museologia aqui em Portugal. Esta aproximação fez com que essas pessoas passassem a ser minhas amigas, e acompanhassem meus projetos. De muitas conversas e trocas fui apresentar meu projeto no Museu do Aljube. Quando meu projeto foi aceite, ele se desdobrou em duas instalações – a primeira no piso -1 (Divisão, união e continuidade) e a segunda nas

escadas (O futuro não existe! Só existe o presente). A proposta destas instalações é voltada para repensar de forma crítica a colonização portuguesa do final do século XIX e início do século XX em São Tomé, em Angola, Moçambique e Cabo Verde. Daí surgiu o projeto *Cartas do mau encontro*, que dialoga de perto com o que o Museu do Aljube traz.

As *Cartas do mau encontro* foram feitas com fotografias do meu trabalho de campo, com mapas adquiridos na Feira da Ladra e fotografias cedidas de arquivos. As escolhas para construir uma narrativa que unia todo este material passou por muitas trocas com meus colegas do laboratório em que participo, com a opinião de colegas pesquisadoras/es, com as buscas na Feira da Ladra e em outros locais que possam ter material que sirva para pensar por e com imagem. Meu objetivo foi trazer, pela Arte, a crítica e os processos que potencializam a consciência face ao discurso hegemônico do poder imperialista. A consciência a que me refiro busca ir à gênese, para questionar a história que é dada como única verdade possível.



DS: Quais as reflexões que o Emiliano Dantas espera trazer para as pessoas visitantes na sua instalação artística?

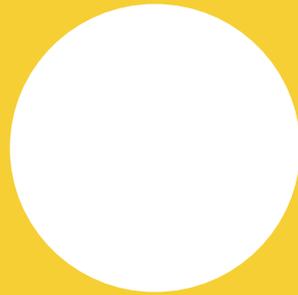
ED: Eu sempre vi muitas imagens coloniais tratadas como documentos, objetos importantes, que carregavam a memória da história. Mas a crítica a esses documentos sempre estava muito longe deles, pois estavam em textos científicos e em teses que circulam no meio acadêmico. Reforço a necessidade de criticar as imagens coloniais porque elas foram muito valorizadas, elas criaram a visu-alidade do descobridor/invasor, que ia, dominava, "civilizava". Essa visualidade teve a função cultural e política de exercer poder, ela se repete, se alimenta mais uma vez nessas imagens coloniais, nesses mapas e na forma como a história é conta-da.

A junção da Arte e da Antropologia pode facilitar a crítica ao documento dado como verdade, buscando conscientizar as pessoas sobre as possíveis leituras destas imagens. Além disso, a Arte e as exposições funcionam como um canal mais amplo para chegar e comunicar às pessoas. E a visão interdisciplinar é um

meio de despertar a crítica e os processos de consciência em relação à visualidade ocidental, que para mim, alimentam todo esse projeto de poder colonial.

O Museu do Aljube - Resistência e Liberdade fica na Rua Augusto Rosa 42, Alfama. O museu está aberto de Terça-feira a Domingo das 10h00 às 18h00. Deixamos aqui o convite à visita da instalação artística "Cartas do mau encontro", e também a exposição "Ato (Des)colonial". Assim como a exposição permanente que é dedicada à memória do combate à ditadura e à resistência em prol da liberdade e da democracia.

**imagens da autoria de
Emiliano Dantas**



CRIAÇÕES É UMA PROPOSTA DE COMUNICAÇÃO DE CIÊNCIA DO CRIA E CONTA COM A COLABORAÇÃO DE DOUGLAS SANTOS, EDUARDA ROVISCO, VANESSA IGLÉSIAS AMORIM E VERA AZEVEDO.

DESIGN: MARIANA CAMACHO